Segunda. — As mãos não são verdadeiras nem reaes... São mysterios que habitam
na nossa vida... As vezes, quando fito as minhas mãos, tenho medo de Deus... Não h

vento que mova as chammas das velías, e ollhae, ellas movem-se... Par a onde se inclnam ellas?... Que pena se alguém pudesse responder!... Sinto-me desejosa de ouv
musicas barbaras que devem agora estar tocando em palácios de outros continentes. E' sempre longe na minha alma. . . Talvez porque, quando creança, corri atraz das onda á beira-mar. Levei a vida pela mão entre os rochedos, maré-baixa, quando o mar parec ter cruzado as mãos sobre o peito e ter adormecido como uma estatua de anjo par a qu nunca mais ninguém olhasse. ..
Terceira. — As vossas phrases lembram-me a minha alma...
Segunda. — E' talvez por não serem verdadeiras... Mal sei que as digo... liepito-as seguiudo uma voz que não ouço que m'as está segredando... Mas eu devo ter vivid realmente á beira-mar... Sempre que uma cousa ondeia, eu amo-a. . . H a ondas n minha alma... Quando ando embalo-me... Agora eu gostaria de andar... Não o faço porque não vale nunca a pena fazer nada, sobretudo o que se quer fazer. . . Dos mont é que eu tenho medo... E' impossível que elles sejam tão parados e grandes... Deve

ter U m segredo de pedra que se recusam a saber que teem... Se d'esta janella, debrçando-me, eu pudesse deixar de ver montes, debruçar-se-hia um momento da minha alm
alguém em quem eu me sentisse feliz. ..
Primeira. — Por mim, amo os montes. . . Do lado de cá de todos os montes é que a vida é sempre feia. . . Do lado de lá, onde mora minha mãe, costumávamos sentarmo'no á sombra dos tamarindos e fallar de ir ver outras terras... Tud o alli era longo e feliz

como o canto das aves, uma de cada lado do caminho. . . A floresta não tinha outras clareiras senão os nossos pensamentos... E os nossos sonhos eram de que as arvores pjectassem no chão outra calma que não as suas sombras... Foi decerto assim que a

vivemos, eu e não sei se mais alguém.. . Dizei-me que isto foi verdade para que eu nã tenha de chorar.
Segunda. — Eu vivi entre rochedos e espreitava o mar... A orla da minha saia era fresca e salgada batendo nas minhas pernas nuas... Eu era pequena e barbara... H tenho medo de ter sido... O presente parece-me que durmo... Fallae-me das fada Nunca ouvi fallar d'ellas a ninguém... O mar era grande demais para fazer pensa nellas... Na vida aquece ser pequeno. .. Érei s feliz minha irmã?.
Primeira. — Começo neste momento a tel-o sido outr'ora... De resto, tudo aquillo
se passou na sombra... As arvores viveram-o mais do que eu... Nunca chegou que eu mal esperava... E vós, irmã, porque não fallaes ?
Terceira. — Tenho horror a de aqui a pouco vos ter j á dito o que vos vou dizer. As minhas palavras presentes, mal eu as diga, pertencerão logo ao passado, ficarão fora mim, não sei onde, rígidas e fataes.. . Fallo, e penso.nisto na minha garganta, e as minh palavras parecem-me gente... Tenho um medo maior do que eu. Sinto na minha mão não sei como, a chave de uma porta desconhecida. E toda eu sou um amuleto ou u sacrário que estivesse com consciência de si-proprio. E' por isto que me apavora ir, com por uma floresta escura, atravez do mysterio de fallar. . . E, afinal, quem sabe se eu so assim e se é isto sem duvida que sinto ?...

Primeira. — Custa tanto saber o que se sente quando reparamos em nós!... Mesm viver sabe a custar tanto quando se dá por isso... Fallae portanto, sem reparardes q existis. . . Não nos ieis dizer quem éreis ?
Terceira.— O que eu era outr'ora j á não se lembra de quem sou... Pobre da feliz que eu fui!... Eu vivi entre as sombras dos ramos, e tudo na minha alma é folhas qu estremecem. Quando ando ao sol a minha sombra é fresca. Passei a fuga dos meus d ao lado de fontes, onde eu molhava, quando sonhava de viver, as pontas tranquillas d meus dedos... A's vezes, á beira dos lagos, debruçava-me e fitava-me. . . Quando

sorria os meus dentes eram misteriosos na agua. . . Tinham u m sorriso só d'ellse, indepedente do meu... Er a sempre sem razão que eu sorria... Fallae-me da morte, do fim d
tudo, para que eu sinta um a razão p'ra recordar. . .
Primeira.— Não fallemos de nada, de nada.. . Est á mais frio, mas porquê é que est ma>is frio? Não ha razão para estar mais frio. Não é bem mais frio que está.. . Para qu